

Gregório de Matos e o Barroco no Brasil

Poesia Sacra: “A Jesus Cristo Nosso Senhor”

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinqüido,
Vós tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

A análise desse soneto de Gregório de Matos permite identificar as características barrocas, principalmente suas contradições.

A primeira característica se refere ao tema abordado pelo autor, onde o eu-lírico ora a Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, enaltecendo a fé católica e assim, colaborando com a “Arte da Contra-Reforma”.

No primeiro quarteto fica claro o ato de contrição, em que o eu-lírico humildemente se confessa pecador, tentando garantir o seu perdão, mas deixando bem claro que a sua falta não representa uma vontade de se distanciar do Senhor e de se despedir de sua piedade, pelo contrário, que existe a confiança no empenho de Cristo em salvar a todos, mesmo em caso de novo erro. O “Conflito Espiritual” se faz presente junto com a “Efemeridade do Tempo” e percebe-se o homem dividido entre o mundo material e o mundo espiritual: existe a angústia causada pelo desejo de aproveitar a vida e a necessidade da salvação divina, concentrada na antítese que enfoca o perdão e o pecado, como exemplo, podemos utilizar o seguinte verso para demonstrar essa antítese, “(...)quanto mais tenho delinqüido, vos tenho a perdoar(...)”. O “Cultismo” aparece na linguagem rebuscada e na forma de metáfora, onde despedir-se da piedade do Senhor significa não desejar mais o perdão.

*“(...) Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido,
Porque quanto mais tenho delinqüido,
Vós tenho a perdoar mais empenhado.(...)”*

Em seu segundo quarteto, o soneto de Gregório de Matos continua a apresentar o “Cultismo”, quando através de antíteses são abordadas as idéias contraditórias da ira e da mansidão de Jesus, que por sua vez são provocadas respectivamente pelo pecado e pelo menor sofrimento do homem. Além disso, a mesma culpa que provoca a ofensa é a razão que enaltece o perdão.

*“(...) Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.(...)”*

A parte final de “A Jesus Cristo Nosso Senhor”, dois tercetos, traz consigo a característica barroca do “Conceptismo”, onde existe um jogo de idéias pautado num raciocínio lógico. Se existe a **premissa maior** de que a glória e o regozijo de Cristo consiste em recuperar a ovelha perdida, ou seja, perdoar o pecador, e se existe também a **premissa menor** de que eu sou pecador, e, portanto a ovelha perdida, então **conclui-se** que o Senhor, para não perder a sua glória, buscará a sua ovelha perdida, “me salvará”. Arelado a esse Conceptismo podemos observar o “Cultismo”, representado pela metáfora da ovelha desgarrada, que simboliza o pecador e pelo uso de linguagem rebuscada quando chama a Bíblia de Sacra História e Jesus, de Pastor Divino.

*“(...) Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
Vo deus, como afirmais na Sacra História*

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória. (...)”*

A estrutura formal desse soneto de Gregório de Matos apresenta o esquema de rimas interpoladas **ABBA ABBA CDE CDE**, com versos de decassílabos.

Poesia Lírica: “A Maria De Povos, Futura Esposa”

“Discreta, e formosíssima Maria”,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosa Aurora,
Em teus olhos e boca, o sol e o dia:

Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança brilhadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Ó não aguardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada

Nesse soneto, Gregório de Matos põe em contraste dois períodos da vida de sua amada, a juventude e a velhice.

“(...) goza da flor da mocidade (...)”.

“(...) não aguardes que a madura idade (...)”.

A primeira característica barroca presente nesse soneto é a “Efemeridade do tempo e o Carpe Diem”, onde o eu-lírico enaltece a beleza de Maria, mas a alerta de que essa beleza é passageira (perecível), que ela aproveite sua mocidade, pois o tempo é ligeiro (tudo é muito rápido) e não poupa nenhuma flor de sua pisada, também que essa flor que hoje na mocidade é tão bela e cheia de viço, não demorará muito a se tornar uma flor murcha (velhice).

*“(...) Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toda a ligeireza
E imprime e toda a flor sua pisada.(...)”*

Temos também nesse soneto o tema da “Fugacidade do tempo, da incerteza da vida” que é desenvolvido por meio de um jogo de imagens e idéias, de modo a tornar mais expressiva a oposição dessas idéias.

*“(...) Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada. (...)”*

O “Cultismo” é também uma característica predominante nesse soneto, onde Gregório de Matos usa de uma linguagem mais rebuscada, para dar maior valorização e mais preciosidade às suas descrições.

*“(...) Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança brilhadora,
Quando vem passear-te pela fria: (...)”*

Quanto à estrutura formal esse soneto, apresenta o esquema de rimas interpoladas **ABBA ABBA CDE CDE**, com versos decassílabos.

Vitor Fernandes / Cassia Fernanda Mendes